

# CATÁSTROFE CLIMÁTICA?

Este é um tópico um tanto estranho. Estamos em um caminho de confronto direto com a negação absoluta do aquecimento global. A indústria de combustíveis fósseis e sua influência na política é o principal elefante branco na sala e seu peso foi exposto quando o relatório final de 2022 do IPCC, a maior autoridade mundial em questões climáticas, foi publicado. No entanto, embora o papel da indústria do petróleo tenha sido destacado ao longo do relatório de quase 3.000 páginas, os cientistas notaram que o tópico estava misteriosamente ausente do Resumo para Formuladores de Políticas, que geralmente atrai mais atenção. Hoje percebe-se como impossível restringir as emissões, que explodiram nos últimos anos, enquanto parece se aproximar rapidamente o momento em que seremos chamados a nos mobilizar para “salvar o planeta”, com todos os recursos tecnocientíficos que infelizmente ser necessário. A desordem climática global, que foi vivida como uma possibilidade abstrata, já está sobre nós. A filósofa belga Isabelle Stengers, ganhadora do Prêmio Nobel Ilya Prigogine, autora de dois livros sobre a *teoria do caos* (1984, 1997), bem como de outras obras valiosas sobre a ciência moderna e o que ela chamou de *cosmopolítica*, escreveu um ensaio diferente, como uma cidadã que experimenta em primeira mão os desenvolvimentos da vida contemporânea, tentando criticar e suplantar a ideia de progresso e a eficiência racional promovida pelas forças que impulsionam o capitalismo nesta fase da “economia do conhecimento” (*Em tempos de desastre*, [2009], 2017). Ele argumenta que aqueles, principalmente cientistas, que pensaram que bastava soar o alarme negligenciaram o fato de que as forças políticas já haviam entregado o leme ao capitalismo, renunciando a qualquer liberdade de ação.

Há cinquenta anos, quando as perspectivas de inovação técnico-científica eram sinônimo de progresso, seria inconcebível não esperar que os cientistas e tecnólogos resolvessem os problemas do desenvolvimento. Mas essa confiança sofreu muito, ainda mais com a “economia do conhecimento”, que garante que as respostas que os cientistas não param de propor não impeçam a catástrofe que estão apenas começando a processar. Desde a década de 1970 ficou claro que havia um denso conjunto de relações que as disciplinas científicas vinham analisando separadamente - seres vivos, oceanos, atmosfera, clima, solos mais ou menos férteis- que forneciam o contexto para a vida no planeta (que James Lovelock e Lynn Margulis batizou-o de Gaia (1974) e que Stengers retoma parcialmente), produto de uma história de coevolução onde a variação em um aspecto tem múltiplas repercussões nos

demais. Stengers o apresenta como uma entidade insensível, que reage (no sentido biológico do termo *irritabilidade*) a certas condições que nós mesmos criamos.

Os cientistas fizeram o seu trabalho e também conseguiram fazer soar o alarme, apesar de todas as tentativas de silenciá-los, impondo uma “verdade inconveniente”, apesar das acusações feitas contra eles de terem misturado ciência com política. Têm sabido resistir porque sabiam que o tempo contava, e que não eram eles os responsáveis, mas aquilo a que se opunham, o que na nova governação constitui uma forma de despolitizar as decisões quanto ao futuro pela falta de legitimidade social, reduzindo a política a uma espécie de gerencialismo para impor seus imperativos a todo o planeta. Nisso, economistas e outros candidatos à produção de respostas globais baseadas na “ciência” se destacam de outros especialistas, uma vez que a organização econômica capitalista busca uma forma de fazer da crise um negócio para evitar a todo custo a cessação ou retrocesso do progresso .na guerra econômica. Sua autoridade ajuda a manter o mundo funcionando normalmente, levando-o à catástrofe. Como exemplo, Stengers evoca as ideias de capitalismo verde e mercados de carbono, incluindo os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável propostos pelas Nações Unidas, onde alguns objetivos são enunciados mais em termos de oportunidades de empreendedorismo e desenvolvimento econômico, não sendo vinculantes e apelando mais para políticos. vontades do que a qualquer outra coisa.

Para evitar esse fim, o autor propõe articular vontades, reconhecendo as diferenças entre saberes científicos associados a praticantes-especialistas e saberes leigos associados a usuários. É tempo de aprendermos juntos múltiplas lutas e compromissos divergentes em um processo de criação, por mais duvidoso e incerto que seja. Um mecanismo seria os usuários se interessarem por questões nas quais eles supostamente não deveriam interferir, e os cientistas ouvirem aquelas questões e experiências que eles não se dignaram a atender por estarem fora de seu campo, criando confiança na ação comum, em condições de igualdade atravessadas pela heterogeneidade do particular. Nisso Stengers não pretende ser original, embora apoie a ação local em relação a diferentes grupos de interesse que estão crescendo cada vez mais ao redor do mundo.

HEBE VESSURI

Pesquisador emérito

Instituto Venezuelano de Investigações Científicas